

Alguns gravadores activos na edição de música (1765-1830)

Agostinho Araújo

Introdução

O gosto pela Música no nosso país, dominado pelo italianismo que D. João V e D. José prodigamente alimentaram, traduziu-se também no plano editorial, quer de originais quer de traduções, convocando o trabalho de prestigiadas tipografias generalistas (como, no Porto, a Officina Episcopal do Capitão Manoel Pedroso Coimbra, a de Francisco Mendes Lima e, sobretudo, a de Antonio Alvarez Ribeiro Guimaraens; em Coimbra, a Off. de Antonio Simoens Ferreyra “Impressor da Universidade”, a de Luiz Secco Ferreyra, a Typographia do Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus e a Real Imprensa da Universidade; em Lisboa, as Off. de Miguel Manescal “Impressor da Serenissima Casa de Bragança & do Santo Officio” e Antonio Manescal “Impressor do Santo Officio & Livreiro de Sua Magestade”, as de Ignacio Rodrigues e Paschoal da Sylva, a Off. Regia Sylviana e da Academia Real, a Typographia Augustiniana, a Typ. do Real Mosteiro de São Vicente, a Off. de Antonio Vicente da Silva, a de Joseph da Costa Coimbra, a Off. Patriarchal de Francisco Luiz Ameno, a de Miguel Manescal da Costa “Impressor do Santo Officio”, a de Joseph da Sylva da Natividade, a de Antonio de Souza da Sylva, a de Ignacio Nogueira Xisto, a de Francisco da Silva, a de Manoel Coelho Amado, a de Pedro Ferreira, a Regia Off. Typographica, a Off. Luisiana, a de Francisco Borges de Sousa, a Off. Lusitana, a de Simão Thaddeo Ferreira, a Off. Patriarchal de João Procopio Correa da Silva) e de outras, também operantes ao longo do séc. XVIII, cujo pendor mais especializado teve mesmo reflexo onomástico: Officina da Musica, Off. Joaquiniana da Musica, Off. Pinheirense de Musica e da Sagrada Religião de Malta, Dominicana Off. de Musica, Patriarcal Off. de Musica¹.

Em 1747, e no âmbito das muito diversificadas despesas com a música, ainda a Patriarcal concentrava num único funcionário todas as tarefas de “Escriptor, Miniator e Estampador”, retribuindo-lhe com o vencimento de 600\$000². Mas o desenvolvimento da arte da gravura em chapa de cobre, promovido pela chegada de artistas estrangeiros necessários à actividade da Academia de História e estruturado com a criação da Aula Régia da disciplina em 1768, veio a substituir progressivamente o desenho e fundição de caracteres, favorecendo a resposta à expansão do mercado, como parece ter sido o caso da apetência por um género de grande implantação nos dois últimos reinados de Antigo Regime, em volta do qual conseguimos registar o trabalho de vários abridores.

¹ Vd., entre outros: Joaquim de Vasconcelos, *Os Musicos Portuguezes. Biographia - Bibliographia*, 2 vols., Porto, Imprensa Portuguesa, 1870; Ernesto Vieira, *Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes. Historia e Bibliographia da Musica em Portugal*, 2 vols., Lisboa, Typographia Mattos Moreira & Pinheiro, 1900; [António Augusto Ferreira da Cruz e Carlos Ferreira Pimentel], *Inventário dos inéditos e impressos musicais (Subsídios para um Catálogo)*. Prefaciado por Santiago Kastner. Coimbra, Publicações da Biblioteca da Universidade, 1937; *Flores de Música da Biblioteca da Ajuda. Exposição de raridades musicais manuscritas e impressas dos séculos XI a XX*, Lisboa, Direcção-Geral dos Assuntos Culturais, 1973; e A. A. Gonçalves Rodrigues, *A Tradução em Portugal. Tentativa de resenha cronológica das traduções impressas em língua portuguesa excluindo o Brasil de 1495 a 1950*, vol. I (1495-1834), Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1992.

² J. Vasconcelos, *Ob. cit.*, vol. II, s/p, *in fine*.

Francisco Domingos Milcent

A Junta do Comércio foi criada por Pombal em 1755, passando em 1788 a denominar-se Real Junta do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação, com latas responsabilidades ao mesmo tempo administrativas e judiciais e orientando e coordenando, na prática, grande parte da actividade económica. Os seus encargos que tiveram reflexos em áreas como as da disciplina artística que aqui tratamos estão sumariados na evocação de um dos membros deste poderoso organismo: “consultar o Soberano sobre os requerimentos das partes que pertendem privilegios exclusivos em materia de fabricas, ou de novos inventos, assim como tambem sobre a isenção de direitos de entrada, e de sahida relativamente ás suas materias, e manufacturas” e “passar provisoens a favor das fabricas privilegiadas para a livre entrada, ou sahida sem pagar direitos”³.

Os créditos com que F. D. Milcent se apresenta à Junta do Comércio, após ter sido convidado pelo nosso embaixador, em 1765, a trocar Madrid por Lisboa, parecem ter origem e fundamento familiares. Com efeito, sabe-se que “Quatre Vues de Paris”, de fins do séc. XVIII, foram vendidas em 1907, não estando ainda então dicionarizado o “Milcent” desenhador e gravador de especialidade topográfica que as subscreve⁴; mas viria depois a ser registado um “Philippe Nicolas Milcent”, desenhador de architecturas e gravador a buril setecentista⁵.

Até 1788, quando obtém o alvará para a sua própria “fabrica de impressão”, Milcent terá por vezes recorrido, como os melhores gravadores de então, à estamperia de Francisco Manuel Pires, “ao fim da rua do Panceio”⁶. Note-se que foi nesta oficina que em 1762 João Silvério Carpinetti reproduziu os primeiros mapas regionais portugueses, que Grandpré gravara em 1729, empreendimento que alcançou êxito comercial, com larga inclusão em livros e uma nova edição não posterior a 1779. Carpinetti revestiu o seu trabalho de elementos de acessibilidade didáctica inéditos entre nós⁷, o que, pensamos, poderá ter influenciado as opções que Milcent iria tomar na sua principal realização conhecida nesta matéria.

Antes, porém, já em 1782 grava o “Plano da ilha e porto de S.^{ta} Catarina na America” e o “Plano do rio da Prata”, ambos riscados por Jacinto José Paganino, no âmbito de uma colecção de levantamentos cartográficos do Brasil coordenada por este autor⁸.

Um dos trabalhos mais importantes subscritos em cobre por “Fran.^{co} D. Milcent” foi, na verdade, o “Plano geral da Cidade de Lisboa em 1785” (possível cópia da planta anónima do 3.º quartel do séc. XVIII)⁹, de que o Museu da Cidade e o Palácio de Queluz conservam exemplares¹⁰,

³ Jacome Ratton, *Recordações de (...) sobre ocorrências do seu tempo, de Maio de 1747 a Setembro de 1810*, 2.ª ed. revista cuidadosamente por J. M. Teixeira de Carvalho, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1920, p. 198. Para o estudo desta matéria vd. Nuno Luís Madureira, *Mercado e Privilegios. A Indústria Portuguesa entre 1750 e 1834*, Lisboa, Editorial Estampa, 1997, *maxime* pp. 131-148 (sub-capítulo “Políticas da invenção”).

⁴ Lucien Monod, *Le Prix des Estampes Anciennes et Modernes. Prix atteints dans les ventes. Suites et États. Biographies et Bibliographies*, tome V, Paris, Éditions Albert Morancé, 1924, p. 48.

⁵ E. Bénézit (sous la direction des héritiers de), *Dictionnaire critique et documentaire des Peintres, Sculpteurs, Dessinateurs et Graveurs de tous les temps et de tous les pays par un groupe d'écrivains spécialistes français et étrangers*, nouvelle édition entièrement refondue, revue et corrigée, tome 7. ^{ème}, Paris, Librairie Gründ, 1976, p. 414, col. a).

⁶ Sobre a grande actividade desta oficina vd. Ernesto Soares, *Inventário da Colecção de Registos de Santos*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1955, pp. 478-479.

⁷ Suzanne Daveau, “O novo conhecimento geográfico do Mundo”, *Gravura e Conhecimento do Mundo. O Livro impresso ilustrado nas colecções da BN*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1998, p. 133.

⁸ João Carlos Garcia e André Ferrand de Almeida, “A América Portuguesa nos Manuscritos da Biblioteca Pública Municipal do Porto”, *A Terra de Vera Cruz: viagens, descrições e mapas do século XVIII*. Exposição integrada nas comemorações do V Centenário da Descoberta do Brasil. Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 2000, p. 43.

⁹ Esteve, não há muito, exposta - cf. AA.VV., *D. João VI e o seu tempo*. Exposição. Palácio Nacional da Ajuda (Galeria de Pintura do Rei D. Luís), Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Maio-Julho 1999, p. 258 (n.º 96).

¹⁰ Buril e água forte; 294 x 410 mm; Lisboa, Museu da Cidade, MC. GRA. 489; Sintra, Palácio Nacional de Queluz, PNQ. 2087. Pensamos que a planta de Lisboa publicada em Paris, na famosa casa dos gravadores e editores Tardieu, em 1785 (cf. Marquis de Bombelles, *Journal d'un Ambassadeur de France au Portugal. 1786-1788*. Publié avec l'

já valorizado pela bibliografia mais competentemente especializada¹¹ e muito divulgado pela presença em exposições históricas, bem como pela reprodução a título documental e/ou ilustrativo e mesmo, até hoje, em edições facsimiladas. A fortuna desta estampa foi, porém, imediata, não só como folha solta destinada a roteiro da urbe (com as suas 60 rubricas remissivas explicadas pela legenda), reimpressa sem actualizações até meados de Oitocentos e também com cópias e variantes no estrangeiro, como ainda pela inserção em livros de referência, dentro (como o “Almanach para o anno de 1796”, da Academia Real das Ciências) e fora do país (atlas e guias de viajantes).

Ofuscada pela relevância do “Jornal de Modinhas” (Julho de 1792-Novembro de 1796?) para o estudo do gosto musical e da sociabilidade da época, bem como pela associação do seu nome à notoriedade de Mr. e Madame Maréchal¹², a figura do abridor Milcent foi, naturalmente, secundarizada pelos musicólogos (e em absoluto esquecida pelos investigadores da História da Gravura), embora, quanto a nós, tanto as condições económicas da sua chamada e radicação, quanto a qualidade artística das suas especializações bem merecesse um olhar atento. Acreditamos, aliás, que só a muito ingrata situação em que todo o sector cultural e artístico lutou por sobreviver, longamente após 1807, fez envolver para dimensões mais amadorísticas o caminho por ele aberto, entre 1765 e 1797.

A produção e comercialização de cartografia foi uma daquelas especializações, cujo significado científico e cultural nos parece largamente ignorado.

No Verão de 1793 anunciava ele: “Na Real Fabrica e Impressão de Musica (...) Quem quizer mandar abrir ou estampar Musica, Mappas de Geografia, Cartas maritimas, ou outras quaesquer Estampas, pôde fallar com o Mestre da dita Fabrica”¹³; em Outubro do mesmo ano: “Na mesma Fabrica se achão tambem Cartas maritimas, Mappas geograficos, e todas as demais qualidades de Estampas, abertas por *Francisco Domingos Milcent*, Mestre da dita Fabrica”¹⁴; em Março de 1794: “Achão-se na Real Fabrica e Impressão de Musica (...), e alli se abrem Mappas Geograficos, Cartas Maritimas, e toda a qualidade de Estampas, para cujo fim se pôde fallar na dita Fabrica com Francisco Domingos Milcent, que he o Mestre e Proprietario della por Alvará Régio”¹⁵; e em Junho ainda de 1794: “Francisco Domingos Milcent, Mestre e Proprietario da Real Fabrica de Impressão de Musica; Mappas Geograficos, Cartas Maritimas, e de todas as mais qualidades de estampas, em virtude de hum Alvará que S. M. foi servida conceder-lhe (...) na mesma

autorisation du comte Georg Clam-Martinic. Édition établie, annotée et précédée d'une Introduction par Roger Kann. Préface de Raymond Cantel, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian - Publications du Centre Culturel Portugais / Presses Universitaires de France, 1979, *in fine*) reproduz o trabalho de Milcent, devendo acrescentar-se ao elenco formado pelo ilustre Eng.º Vieira da Silva.

¹¹ Augusto Vieira da Silva, “Noticia historica sobre o levantamento da Planta Topographica de Lisboa”, *Revista de Obras Públicas e Minas*, tomo XLIV, n.ºs 523-524, Lisboa, Julho-Agosto de 1913, pp. 247-249 (n.ºs 29-36); Idem, *Plantas Topográficas de Lisboa*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1950, pp. 22 e 23 (n.ºs 56-64); e Ana Cristina Leite, “Lisboa 1670-1911. A Cidade na Cartografia”, *Cartografia de Lisboa. Sécs. XVII a XX*, Exposição. Catálogo. Lisboa (Museu da Cidade, 9 de Julho a 9 de Agosto, no âmbito do XVII Congresso Internacional de História da Cartografia), Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997, pp. 33 e 47 (n.º 31). Note-se que nestes estudos não se encontra qualquer identificação de Milcent ou da sua oficina.

¹² Note-se, por exemplo, a intervenção que tiveram no programa festivo promovido por Diogo Inácio de Pina Manique na sua Real Casa Pia do Castelo de S. Jorge, o qual mereceu “o primeiro lugar pela grandeza, pela variedade, e pela magnificencia” entre as funções públicas celebratórias do nascimento da infanta Dona Maria Teresa: “No intervallo da Cantata tocou o célebre Marchal huma sonata no Pianoforte, acompanhando-o sua mulher na Harpa com muito gosto” – cf. *Descrição da Continuação das Festas, e do Grande Fogo de Artificio pelo Feliz Nascimento da Serenissima Princeza da Beira*, Lisboa, Na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira, 1793, pp. 5-6 e 13.

¹³ *Gazeta de Lisboa*. 2.º Suplemento, n.º 35, Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 31 de Agosto de 1793.

¹⁴ *Gazeta de Lisboa*. 2.º Suplemento, n.º 42, Lisboa, 19 de Outubro de 1793.

¹⁵ *Correio Mercantil, e Economico de Portugal, que contém toda a qualidade d' annuncios*, n.º 12, Lisboa, Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 25 de Março de 1794 e *Gazeta de Lisboa*. 2.º Suplemento, n.º 12, Lisboa, 29 de Março de 1794.


LISTA DOS SENHORES ASSIGNANTES		
 A O Ex. ^{mo} S. ^r D. Antonio de Noronha. OS. ^{os} Domingo. Rib. ^{mo} d'Assumpção. OS. ^{os} Leandro Joze Lobo de Avilla. OS. ^{os} D. ^{os} Fran. ^{co} Antunes. M. ^r Richardo Amies. 3. Liv. ^o B AS. ^{as} D. ^{as} Anna Felix de Felous Moniz e Brilo. M. ^r Catharine Bunce. M. ^r William Burn. 4. Liv. ^o OS. ^{os} Rafael da Silva Braga. M. ^r Ernest Biester. OS. ^{os} Fran. ^{co} Joze Marçal de Brilo. OS. ^{os} Carlos de Brilo. M. ^r John Bell. C O Ill. ^{mo} Ex. ^{mo} S. ^r Bisconde del novadal creuxa. O Ex. ^{mo} S. ^r Joze da Camara. O Ex. ^{mo} S. ^r D. Fran. ^{co} de Castro. AS. ^{as} D. ^{as} Maria Clementina. M. ^r Thomas Cappendale. OS. ^{os} Manoel Eleutr. ^o de Castro. M. ^r Luis le Comte. OS. ^{os} Fran. ^{co} An. ^{to} da Costa. OS. ^{os} Mauricio Joze de Campos. M. ^r Eduard Clarke.	F M. ^r Je. ^s Connell. AS. ^{as} D. ^{as} Maria de Pinha de Franca. M. ^r Samuel Fouske. OS. ^{os} Fran. ^{co} Joze de Figueiroa. OS. ^{os} Joze Rodrigues Fragozo. G M. ^r Henry Gallwey. OS. ^{os} Joze d'Almeida Griegel. H M. ^r James Houston. M. ^r Pedro Joze Hempel. M. ^r Cristiano Henriques. I M. ^r Joaquim Junot. L O Ex. ^{mo} S. ^r D. Fernando de Lima. M. ^r Joze Laborde. OS. ^{os} Fran. ^{co} Xavier de Lima. M M. ^r Eduard Mayne. OS. ^{os} Balthezar Pinto de Miranda. OS. ^{os} Luis Pereira de Mello. OS. ^{os} Ricardo Joze Mondes. N	O Ill. ^{mo} Ex. ^{mo} S. ^r Marques de Viza. OS. ^{os} Manoel de Almeida Netto. O O Ill. ^{mo} Ex. ^{mo} S. ^r Conde d'Orde. P O Ill. ^{mo} Ex. ^{mo} S. ^r Marques de Penabaz. M. ^r John Elias Perichon. M. ^r Ambrose Pollet. M. ^r Gaspar Beltrão Pilner. Q OS. ^{os} Harro Joze Quaresma. OS. ^{os} Joaquim Pedro Quintella. S M. ^r P.L. Stephens. M. ^r Ricard Sealy. OS. ^{os} Felix An. ^{to} de Souza. OS. ^{os} Joze Carneiro da Silva. 2 Liv. ^o OS. ^{os} Ignacio Joze de Souza. OS. ^{os} Raymundo Joze de Souza. OS. ^{os} Capp. ^{mo} Manoel Castano da Souza. OS. ^{os} Jacinto An. ^{to} Saldanha. T O Ill. ^{mo} Ex. ^{mo} S. ^r Conde de Torouca. M. ^r John Turner. V M. ^r George Warden.

Fig. 1 – F. D. Milcent, “Lista dos Senhores Assignantes”
(de F. X. Baptista, *Dodeci Sonate*, Lisboa, ca. 1770)

Real Fabrica ao largo de Jesus, aonde se abre e estampa geralmente toda a qualidade de obras pelo preço mais commodo”¹⁶.

Na área musical, e de 1765-66, para dois violinos e baixo, gravou Milcent o “Minuetto, con due cento variazioni diffrenti”, de Andrea Marra¹⁷.

Da autoria de Francisco Xavier Baptista (m. 1797)¹⁸, cravista e primeiro organista da Sé de Lisboa¹⁹, é a publicação, cerca de 1770, das “Dodoci Sonate, Variazione, Minuetti per Cembalo Stampati a spese degli Sig.^{re} assinanti Composti da Francesco Sav.^o Battista Maestro e Compositore di Musica. Opera I – Sculp.^{te} da Francesco D. Milcent – Stampati da Francesco M.^{el} – Lisbona”, que se vendia na “Loge do d.^{to} Estampador no fim da Rua do Paceio”²⁰; note-se que sessenta e um subscritores – e alguns com mais de um exemplar – pagaram a edição,

¹⁶ *Gazeta de Lisboa*. 2.^o Suplemento, n.^o 24, Lisboa, 21 de Junho de 1794 e *Correio Mercantil, e Economico de Portugal*, que contém toda a qualidade d’ annuncios, n.^o 25, Lisboa, 24 de Junho de 1794.

¹⁷ *Flores de Música da Biblioteca da Ajuda...*, p. 23.

¹⁸ Mário de Sampaio Ribeiro, “De Musica. Silva de notas biográficas”, *Ocidente*, vol. XVIII, n.^o 54, Lisboa, Outubro de 1942, p. 224.

¹⁹ José Mazza, *Dicionário Biográfico de Músicos Portugueses*. Com Prefácio e Notas do P.^e José Augusto Alegria, Lisboa, s/n, 1945 (sep. de “Ocidente”), p. 79.

²⁰ E. Vieira, *Ob. cit.*, vol. I, pp. 90-91 e *Flores de Música da Biblioteca da Ajuda...*, p. 111. Há uma ed. moderna: *12 Sonatas para cravo*, Lisboa, F. C. Gulbenkian, 1981 (colec. “Portugaliae Musica”, XXXVI).

sendo superior a um terço a presença de membros das comunidades estrangeiras, aliás, quase exclusivamente britânicos²¹.

E de 1787 data “La Primavera, composizione poetica del celebre abbate Pietro Matastasio (...)”, do tenor e compositor Policarpo José António da Silva²².

Em 1 de Julho de 1792 iniciava-se a publicação do “Jornal de Modinhas”²³, com gravuras a talhe-doce, que foi o primeiro periódico musical dado à estampa no nosso país: “Na Real Fabrica e Armazem de Musica de Mr. *Marechal Milcent* e Companhia, no largo de *Jesus*, se poderá assignar para o Jornal de Modinhas, abertas, e estampadas, pelo preço de 2880 reis cada anno. No I.º e a 15 de cada mez sahirá huma Modinha nova; e o dito Jornal tem principio no I.º do corrente mez. No mesmo lugar se acha toda a qualidade de Musica”²⁴.

Mas já antes (o que nem sempre se tem notado), saíra dos prelos da Real Officina da Universidade, em 1789, ilustrada com estampas, a “Nova Arte de Viola; Que ensina a tocalla com fundamento sem mestre, dividida em duas partes, huma especulativa, e outra practica; Com Estampas das posturas, ou pontos naturaes, e accidentaes; e com alguns Minuettes e Modinhas, por musica e por Cifra”, de Manoel da Paixão Ribeiro²⁵.

Um dos nomes grandes que não desdenhava cultivar o género no periódico de *Maréchal* e *Milcent*²⁶ foi Marcos Portugal (1762-1830)²⁷, surgindo assim, natural e frequentemente, a par de outros também conhecidos – como o seu cunhado António Leal Moreira (1758-1819), primeiro compositor que ousou apresentar óperas com libretos em português²⁸ – a colaborar numa iniciativa destinada ao êxito junto do público²⁹. Outros foram: João de Sousa Carvalho (1745-1798),

²¹ Sobre a sua vida mundana e cultural, com actividades musicais repercutindo em exigências arquitectónicas, vd. Agostinho Araújo, *A “Assembleia Britânica” em Lisboa e a sua sede (1771-1819)*. Comunicação ao “Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor” (Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 15 a 18 de Outubro de 1986), Porto, Instituto de Estudos Ingleses da F. L. U. P., 1988 (sep. das Actas do Colóquio *supra cit.*) – a) reed. in *Lisboa – Revista Municipal*, ano 43.º, 2.ª série, n.º 20, Lisboa, Repartição de Acção Cultural da Direcção dos Serviços Centrais e Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 2.º trimestre de 1987, pp. 29-44 – b) tradução (por Margaret Kelting): *The “British Assembly” in Lisbon 1771-1819*, Lisbon, The British Historical Society of Portugal, December 1988 (“Christmas Book” – 1988).

²² *Flores de Música da Biblioteca da Ajuda...*, p. 23.

²³ “Jornal / DE / MODINHAS / Com acompanhamento de Cravo / PELOS MILHORES AUTORES / DEDICADO / A Sua Alteza Real / Princeza do Brazil / Por P. A. Marchal Milcent. / No primeiro dia e no Quinze de cada Mez, Sahirá / huma Modinha nova. / Preço 200. R.º / LISBOA / Na Real Fabrica e Armazem de Muzica no Largo de Jezus / onde se podera Abonar para a Coleção de cada anno pella quantia de 2880 / na mesma Real Fabrica se acha toda qualidade de Muzica”. Existe uma ed. moderna, limitada aos números de 1 de Julho de 1792 até 15 de Junho de 1793, com importantes subsídios para o estudo da actividade de Francisco Domingos Milcent e seu filho Joaquim Inácio, bem como de Pedro Anselmo Maréchal – cf. Maria João Durães Albuquerque, “Introdução”, *Jornal de Modinhas. Ano I. Edição Facsimilada*, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1996.

²⁴ *Gazeta de Lisboa. 2.º Supplemento*, n.º 28, Lisboa, 14 de Julho de 1792.

²⁵ J. Vasconcelos, *Ob. cit.*, vol. II, p. 271.

²⁶ O periódico inseria também modas italianas e lunduns - cf. M. J. D. Albuquerque, *Ob. cit.*, p. IX.

²⁷ Jean-Paul Sarraute, *La renommée de Marcos Portugal à Paris*, Coimbra, 1972 (sep. das Actas do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros), p. 13. Vd. também *Gazeta de Lisboa. 2.º Supplemento*, n.º 35, Lisboa, 31 de Agosto de 1793: “Na Real Fabrica e Impressão de Musica no largo de *Jesus* se continúa a assignatura para o Jornal de Modinhas; e sahirão á luz os Numeros 1. 2. 3. e 4.: o Numero 2 se intitula a *Doce união de Amor*; e o Numero 4, *Perdoar com condições*, ambas com acompanhamento separado de dous mandolinos, compostas por *Marcos Antonio*”; *Correio Mercantil, e Economico de Portugal, que contém toda a qualidade d’ annuncios*, n.º 12, Lisboa, 25 de Março de 1794 e *Gazeta de Lisboa. 2.º Supplemento*, n.º 12, Lisboa, 29 de Março de 1794: “N. 12. Moda a solo de *Marcos Antonio*”; e ainda *Gazeta de Lisboa. 2.º Supplemento*, n.º 28, Lisboa, 18 de Julho de 1795: “N. I.º a solo, do *Saboeiro*, *Venturoso quem ainda não teve, nem conhece as cadeias de amor*, por *Marcos Antonio*”.

²⁸ Sobre este músico vd. Henrique de Campos Ferreira Lima, *O músico Leal Moreira no Arquivo Histórico Militar*, Lisboa, 1935 (sep. de “História”, vol. II) e Luís Filipe Marques da Gama, *O Compositor António Leal Moreira*, Braga, Instituto Português de Heráldica, 1975 (sep. de “Armas e Troféus”, n.º 3).

²⁹ L. F. M. Gama, *Subsídios para o estudo da família do compositor Marcos Portugal*, Lisboa, Instituto Português de Heráldica, 1977 (sep. de “Armas e Troféus”, vol. VI, n.º 3, Setembro-Dezembro), p. 13.



2
*Em praia areosa
 Se estendem formados,
 Esquadroens cerrados,
 Que asombrao o Mar:
 Estr.º Co bum do &c.º*

3
*Mil plumas variadas
 Nas frentes guerreiras
 Das lindas fileiras
 Se vem ondejar
 Estr.º Co bum do &c.º*

4
*As Setas doiradas
 Nos arcos convexos
 Do Sol cós reflexos
 Estaõ a cegar
 Estr.º Co bum do &c.º*

5
*As soltas Bandeiras
 Nas Lanças Erguidas
 Do Vento batidas
 Tremolaõ no Ar
 Estr.º Co bum do. &c.º*

6
*Flurs Olhos formozos.
 Olhos Vencedores.
 Cruels matadores.
 Os vaõ Comendar
 Estr.º Co bum do. &c.º*

7
*Quem ha que rezata
 Aos lindos Amores
 Ta soaõ Tambores
 Fugotes, Trombetas
 Bues, Clarinetas
 Estr.º Co bum do. &c.º*

*As letras indicaõ qual deve ser a Muzica. ellas
 reprezentão a formatura de hun Exercito prompto a marchar*

*Esta Modinha tem mais huma terceira Voz separada, que se
 acha na Real Fabrica de Muzica*

Fig. 2 – P. A. Maréchal e F. D. Milcent, “Moda do Zabumba”, excerto
 (de A. L. Moreira, in *Jornal de Modinhas*, Lisboa, 1792)

“Mestre de Música de S. Mag.^{de} e Altezas, e Real Seminário de Lisboa”³⁰; António José do Rego (ca. 1765-ca. 1845), cantor da Real Capela de N.^a Sr.^a da Ajuda, que fez carreira nas duas primeiras décadas de Oitocentos como “Mestre Compositor de Música” dos teatros (do Salitre, da Rua dos Condes, de São Carlos, do Bairro Alto) e em 1821 se identificava como “professor de música assaz acreditado nas três faculdades de cantar, tocar cravo e compor”³¹; António Gallassi, que até 1792 foi mestre da capela da Sé Primaz de Braga e também regente da música de câmara no paço de D. Gaspar de Bragança³²; António da Silva Leite (1759-1833), mestre da capela da Sé do Porto³³; José Maurício (1752-1815), que em 18 de Março de 1802 seria nomeado professor da Universidade de Coimbra, quando o Príncipe Regente ali reformou a Aula de Música³⁴; e ainda o guitarrista Manuel José Vidigal, o violinista espanhol, membro da Capela Real, José Palomino e José de Mesquita³⁵, Francisco Xavier Baptista³⁶, José Caetano Cabral de Mendonça³⁷, António José da Silva, António Puzzi.

³⁰ Humberto d' Ávila, *Ob. cit.*, p. 15. “No I.^o de Setembro se publicou o N. 5. do Jornal de Modinhas, Dueto novo com acompanhamento d' huma Rabeca: a 15 o N. 6., Dueto novo composto por João de Sousa de Carvalho, Mestre de S. M. e AA. (...)” - cf. *Gazeta de Lisboa. 2.^o Suplemento*, n.^o 42, Lisboa, 19 de Outubro de 1793.

³¹ Humberto d' Ávila, *António José do Rego, uma figura esquecida da música portuguesa e a instituição de uma Ópera Nacional*, Lisboa, s/n, 1962.

³² Cf. *Correio Mercantil, e Economico de Portugal, que contém toda a qualidade d' annuncios*, n.^o 12, Lisboa, 25 de Março de 1794, *Gazeta de Lisboa. 2.^o Suplemento*, n.^o 12, Lisboa, 29 de Março de 1794 e *Gazeta de Lisboa. 2.^o Suplemento*, n.^o 28, Lisboa, 18 de Julho de 1795. Sobre este compositor vd. Alberto Feio, “A orquestra sinfónica e a tradição musical bracarense”, *Grande Almanaque de Portugal para 1927* (org. Silva Couto e Alice Couto), Lisboa, 1926, p. 167. Sobre a vitalidade da arte da música na cidade primaz setecentista vd. Aurélio de Oliveira, “Indústrias em Braga. A Fábrica Bracarense de Instrumentos Musicais”, *Estudos de história Contemporânea Portuguesa. Homenagem ao Professor Victor de Sá*, Lisboa, Livros Horizonte, 1991, pp. 109-134.

³³ “N. 18. Moda a solo, com acompanhamento de guitarra, de Antonio da Silva Leite. N. 19. Moda do mesmo a solo com acompanhamento de duas Guitarras, Viola, e Baixo” - cf. *Correio Mercantil, e Economico de Portugal, que contém toda a qualidade d' annuncios*, n.^o 12, Lisboa, 25 de Março de 1794 e *Gazeta de Lisboa. 2.^o Suplemento*, n.^o 12, Lisboa, 29 de Março de 1794; “N. 21. Desprezas do mundo a gloria, de Antonio da Silva Leite, (...)”, N. 24. *Quem me ouvir com meus suspiros*, de Antonio Leite - cf. *Gazeta de Lisboa. 2.^o Suplemento*, n.^o 28, Lisboa, 18 de Julho de 1795. Sobre este compositor vd. Gonçalo Sampaio, *Subsidios para a História dos Músicos Portugueses*, Braga, 1934 (sep. do “Boletim da Biblioteca Pública e do Arquivo Distrital de Braga”), pp. 34-35 e Maria Luísa M. Delerue, “O Ensino Musical no Porto na Época Moderna (Algumas notas)”, *Actas do Colóquio O Porto na Época Moderna*, vol. II, Porto, Centro de História da Universidade do Porto, 1980, pp. 153-154. Fez imprimir, pelo menos, dois dos seus trabalhos, ambos já com estampas gravadas em cobre, em 1787 e 1795, na importante casa de António Álvares Ribeiro Guimarães, do Porto - cf. J. Vasconcelos, *Ob. cit.*, vol. I, pp. 193-194 e vol. II, pp. 261-262. Do segundo, “Estudo de Guitarra (...) Offerecido á Illustrissima, e Excellentissima Senhora D. Antonia Magdalena de Quadros e Sousa, Senhora de Tavadere”, há edição moderna, facsimilada, com Prefácio de Macario Santiago Kastner, Lisboa, Instituto Português do Património Cultural, 1983. Álvares Ribeiro imprimiu também, em 1785, o “Manuale Ecclesiasticum ad usum clericorum”, de Constantino Luís da Costa - cf. *Flores de Música da Biblioteca da Ajuda...*, p. 19. Ainda daquela oficina portuense saiu, em 1806, igualmente com estampas gravadas em cobre, o “Compendio de Musica, theorica, e pratica (...)”, do beneditino Fr. Domingos de São José Varela (1762-1834) - cf. J. Vasconcelos, vol. II, pp. 277-278. Sobre este importante organista (e também organheiro) vd. Sousa Viterbo, *Curiosidades Musicais (1909-1911)*, Lisboa, 1911 (sep. de “Arte Musical”), s/p. (n.^{os} VIII e XXXII); Gonçalo Sampaio, *Ob. cit.*, pp. 30-32; e Bertino Daciano R. S. Guimarães, *A propósito dum vimaranense ilustre. Fr. Domingos de S. José Varela*, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 1944 (sep. da “Revista de Guimarães”, vol. LIV).

³⁴ Sobre este organista, compositor e professor vd. Armando Carneiro da Silva, “Uma carta do Lente de Música José Maurício”, *Actas do Colóquio A Universidade e a Arte. 1290-1990*, Coimbra, Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993, pp. 169-176.

³⁵ “(...) se publicou (...) do Jornal de Modinhas (...) no I.^o d' Outubro o N. 7.^o, Moda nova de José de Mesquita - cf. *Gazeta de Lisboa. 2.^o Suplemento*, n.^o 42, Lisboa, 19 de Outubro de 1793; e “N. 13. Dueto, por modo de Landum, de José de Mesquita” - cf. *Correio Mercantil, e Economico de Portugal, que contém toda a qualidade d' annuncios*, n.^o 12, Lisboa, 25 de Março de 1794.

³⁶ *Correio Mercantil, e Economico de Portugal, que contém toda a qualidade d' annuncios*, n.^o 12, Lisboa, 25 de Março de 1794 e *Gazeta de Lisboa. 2.^o Suplemento*, n.^o 12, Lisboa, 29 de Março de 1794.

³⁷ *Correio Mercantil, e Economico de Portugal, que contém toda a qualidade d' annuncios*, n.^o 12, Lisboa, 25 de Março de 1794 e *Gazeta de Lisboa. 2.^o Suplemento*, n.^o 12, Lisboa, 29 de Março de 1794.

mentu o meu co ra ção he o que a tor men ta o meu co ra

ção eu... sus... pi... ro mas em... vão.

Pr.^{ma} tempo

Pr.^{ma} tempo

2.

Entre montes, e rochedos
 Sô de fêras produçãõ.
 Eu suspiro, choro, e gemo
 Sem achar consolaçãõ.

3.

Tem-me posto o Deos Cupido
 Numa tal consternaçãõ.
 Que viver aqui não posso
 Sem achar consolaçãõ.

Estrinillo
 Ausente Franzina
 Desta Solidão.
 He o que atormenta
 O meu Coraçãõ.

Fig. 3 — P. A. Maréchal e F. D. Milcent, "Moda nova feita a Serra do Gerêz", excerto
 (de A. Gallassi, in *Jornal de Modinhas*, Lisboa, 1792)

A publicidade, detalhando autores e peças sucessivamente editados, fazia-se na “Gazeta de Lisboa” (e, na Primavera de 1794, já separados os sócios, também no “Correio Mercantil e Economico de Portugal, que contém toda a qualidade d’annuncios”, correspondendo à forte aposta de Milcent no seu negócio), espalhando pelo Reino notícia da fidelidade com que os grandes compositores regularmente satisfaziam a atracção da aristocracia e dos burgueses por estas canções sentimentais lançadas em moda, cerca de 1770, pelo brasileiro mulato, poeta e tangedor de viola de cordas de arame, Domingos Caldas Barbosa (1738-1800)³⁸. Um dos anúncios dá-nos igualmente, por outro lado, importantes indicações sobre os aspectos práticos do relacionamento entre o editor e os potenciais consumidores: “Francisco Domingos Milcent, Mestre e Proprietario da Real Fabrica de Impressão de Musica (...) dá parte ao Público, que finalizou a 15 do presente mez o segundo anno do Jornal das Modinhas, e que principiará o terceiro no I.º de Julho de 1794. O preço da subscrição para o dito anno he de 2400 reis, obrigando-se o referido Mestre a fazer cada mez a entrega de duas Modinhas com acompanhamento de Cravo e diversos instrumentos, huma no I.º, e a outra no dia 15 sem falta alguma, como se tem experimentado até agora. Quem quizer subscrever para o dito Jornal, poderá fazer lançar o seu nome no livro que se acha na mesma Real Fabrica ao largo de Jesus (...)”³⁹. No Porto podiam ser adquiridos os números do jornal e fazer-se a assinatura “em casa de Trauske e Companhia, Negociantes Alemães na rua das Flores”⁴⁰. Ou então, confirmando mais uma vez o interesse da publicidade na imprensa, as Modinhas chegariam mais tardiamente ao leitor ansioso e remoto... mas chegariam, como se vê num texto já posterior à dissolução da sociedade: “Alli se continúa a assignatura do Jornal de Modinhas, cuja terceira subscrição acabou a 15 de Junho, e sahirão ultimamente, á luz as seguintes (...) Do quarto Jornal sahio á luz o N. I.º (...) Quem quizer subscrever para o dito Jornal, na mesma Fabrica o poderá fazer pelo preço de 2400 reis por anno, recebendo duas modinhas com acompanhamento de Cravo, ou separadas, a 160 reis cada huma, huma no I.º de cada mez, e a outra a 15, sem falta, como se tem experimentado até o presente: tambem se remettem pelo Correio”⁴¹.

Também se anunciavam outras destacáveis edições, como, em Março de 1792, a “Stabat Mater a tres Voces, Dois Supranos, Baxo, com duas Violetas e Violoncelo”, de José Joaquim dos Santos (1747-1801)⁴², que foi Mestre do Real Seminário da Sé Patriarcal, o grande estabelecimento de educação musical que D. João V fundara em 1713.

Mas em Setembro de 1793 a sociedade desfaz-se e pelo começo do Verão de 1795 ambos anunciam novas instalações: Francisco Domingos Milcent, por Alvará Régio, Mestre e Proprietário da “Real Fabrica e Impressão de Musica”, mudava-se para a “rua direita de S. Paulo, defronte da Casa da Moeda”; enquanto Pedro Anselmo Marechal e a sua “Real Impressão de Musica” se podiam achar “agora na rua do Chiado junto á dos Ourives do Ouro”⁴³. Aparentemente, a casa comercial do primeiro terá mantido, sem prejuízo da especialidade principal, o carácter de oficina e loja aberta a outros produtos da arte de gravar que a firma comum apresentara no Largo de Jesus: *Na dita Real Fabrica se acha toda a qualidade de Musica, e se abre e estampa toda a casta de obras*⁴⁴.

³⁸ José Ramos Tinhorão, *As Origens da Canção Urbana*, Lisboa, Editorial Caminho, 1997, pp. 113-158.

³⁹ *Gazeta de Lisboa*. 2.º Suplemento, n.º 24, Lisboa, 21 de Junho de 1794 e *Correio Mercantil, e Economico de Portugal, que contém toda a qualidade d’annuncios*, n.º 25, Lisboa, 24 de Junho de 1794.

⁴⁰ *Gazeta de Lisboa*. 2.º Suplemento, n.º 42, Lisboa, 19 de Outubro de 1793.

⁴¹ *Gazeta de Lisboa*. 2.º Suplemento, n.º 28, Lisboa, 18 de Julho de 1795.

⁴² João Pedro d’Alvarenga, “Música Sacra no tempo de D. Maria I: obras de João de Sousa Carvalho e José Joaquim dos Santos”, *Do Barroco aos Pós-Barrocos. Percursos da Música Setecentista*, XVIII.ªs Jornadas Gulbenkian de Música Antiga, Lisboa, F. C. Gulbenkian, 1997, p. 52.

⁴³ *Gazeta de Lisboa*, n.º 28, Lisboa, 14 de Julho de 1795 e *Gazeta de Lisboa*. 2.º Suplemento, n.º 28, Lisboa, 18 de Julho de 1795.

⁴⁴ *Ibidem*.



F. 4 – F. D. Milcent, *Jornal de Modinhas*, rosto
(Lisboa, 1795 – 1796)

Pedro Anselmo Maréchal

Este cravista, compositor e professor francês, bem como sua mulher Marie-Thérèse, executante de harpa, viveram em Portugal entre os finais de 1789 e o início do segundo semestre de 1796⁴⁵. Sabe-se dos concertos que realizaram mas é o recurso à arte da gravura como necessária aos seus próprios projectos editoriais que nos convém salientar.

Ainda na vigência da sociedade, editou, pelo fim do inverno de 1793, segundo anunciava: “Na Real Fabrica e Impressão de Musica no largo de Jesus se estampou novamente huma Peça nova para Cravo, intitulada as *Azeitonas novas*, com variações, composta sobre o pregão d’huma vendedeira de *Lisboa*, por *Pedro Anselmo Marchal*”⁴⁶.

As edições de Pedro Anselmo Maréchal (m. 1814) foram apresentadas em português, italiano (língua franca da cultura musical) ou francês (sua língua pátria), como esta: “Sonate Favorite arrangée pour le clavecin ou Piano Forte, avec accompagnement de violon, par P. A. Marchal, Oeuvre 12, Prix 530. Lisbonne, em Caza de P. A. Marchal. Editeur & M.^d de Musique privilégié de S. M.”⁴⁷. Além das suas próprias produções (“Avisa de que imprime um jornal de

⁴⁵ M. J. D. Albuquerque, *Ob. cit.*, pp. XII-XIII.

⁴⁶ *Gazeta de Lisboa. Suplemento*, n.º 9, Lisboa, 1 de Março de 1793.

⁴⁷ João Jardim de Vilhena, “Calcografia musical”, *Feira da Ladra*, vol. I, Lisboa, Gusmão Navarro, 1929, p. 206. Esta edição é seguramente posterior a 13 de Novembro 1794, data do registo, no Livro das Mercês, do alvará concedido por resolução régia de 2 de Agosto (IAN / TT, *Livro 1 de Registos e Alvarás*, Lisboa, Junta do Comércio, Livro 76, fls. 44v.-45): “Eu A Rainha Faço saber aos que este Alvara virem: Que sendo-me prezente em Consulta da Real

24 preludios ou caprichos para cravo de forças graduas, todos da sua composição”)⁴⁸, o músico procurou oferecer serviços mais diversificados, gravando e estampando mas, aparentemente, se considerarmos que em breve passaria a Espanha, sem grande sucesso comercial: “Dueto Concertante para Piano-forte e Rebeca, composto por P. A. Marchal. Acha-se na Real Impressão de Musica do Author ao Chiado: tambem se acha alli huma collecção de Modinhas, e Musica para toda a qualidade de Instrumentos, como igualmente letras de cambio, e conhecimentos em todas as linguas, bilhetes de boas festas, e cartas de enterro. Na mesma Fabrica se imprime toda a qualidade de Estampas”⁴⁹.

Como outros destacados executantes que exploraram também o comércio (os alemães Waltmann e Weltin, por exemplo), entende-se que Maréchal procurasse tirar o máximo partido comercial do seu nome artístico (ainda antes de iniciada a sociedade com Milcent já era livreiro)⁵⁰, num país onde toda a gente amava “passionnément la musique; c’est celui des beaux-arts qu’ils cultivent le plus. Il forme un des principaux amusemens de toutes les classes de la nation”⁵¹. Adiante veremos algo da possível sugestão que o seu caso (ou de sua mulher..., o que não era tão raro quanto se possa imaginar) terá posteriormente dado, partindo de um domínio particular do desenho da notação que hoje lhe reconhecemos, como, na época (28 de Julho de 1794), o próprio parecer da Junta do Comércio: “Pertendem Pedro Anselmo Marchal Professor de Muzica e sua Mulher Maria Thereza por se terem aplicado a abrirem Chapas para imprimir muzica, que V. Mag.^{de} lhe conceda a necessaria licença para estabelecerem huma Fabrica de impreção de muzica, com a clauzula de que nenhuma Pessoa possa contrafazer ou mandar imprimir as obras, que da dita sua Fabrica sahirem. Pela informação a que a Real Junta mandou proceder a vista das amostras, assim de chapas abertas como das folhas impreças, consta que o Supplicante he perito na sua arte, e tem dado melhoramento a tipografia da muzica; nestas circunstancias e nos de reduzir a clauzula com que elle pede a ditta licença, ao que lhe compete de Justiça em consequencia dos effeitos do Dominio. Parece ao mesmo Tribunal que o Supplicante Pedro Anselmo Marchal se faz digno de que V. Mag.^{de} lhe conceda faculdade para o pertendido estabelecimento com a clauzula de que ninguem possa sem consentimento seu negociar em Portugal nas muzicas por elle impressas, e que forem originariamente suas, ou porque as comprou aos Auctores, ou houve delles a propriedade pelos meynos com que ella legitimamente se transfere (...)”⁵².

Junta do Commercio, que Pedro Anselmo Marchal tem dado melhoramento á Tipografia de Muzica com chapas por elle abertas, pelo que se fazia digno da Minha Real Contemplação: Conformandome com o Parecer do dito Tribunal: Hey por bem de conceder Licenças ao mesmo Pedro Anselmo Marchal para que estabeleça huma Fabrica ou Officina de Impressão de Muzica, com o Privilegio exclusivo de que só elle imprima, e estampe a Muzica que for de sua propria composição. Pelo que: Mando (...)”. Este documento é referido, mas não transcrito, em M. J. D. Albuquerque, *Ob. cit.*, p. XIX; parece-nos, porém, imprescindível a sua divulgação, já que da leitura ressaltam dois pontos importantes: a efectiva autoria de trabalho de abridor por parte de Maréchal; e a limitação dos exclusivos editoriais pretendidos, apertando o governo o critério da Junta do Comércio (o que o impedia de concorrer em pleno com o ex-sócio Milcent), que abaixo encontraremos – aliás, só o facto de se tratar de uma publicação póstuma explica que Sousa Viterbo, a quem devemos valiosos contributos tanto para a História da Gravura quanto para a da Música, não tenha feito os comentários exigidos pelo interesse desta documentação relativa aos dois artistas franceses.

⁴⁸ *Gazeta de Lisboa*. 2.º Suplemento, n.º 46, Lisboa, 20 de Novembro de 1795.

⁴⁹ *Gazeta de Lisboa*. 2.º Suplemento, n.º 42, Lisboa, 24 de Outubro de 1795.

⁵⁰ Menos de dois anos após a sua chegada – cf. M. J. D. Albuquerque, *Ob. cit.*, pp. XII-XIII.

⁵¹ Adrien Balbi, *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal et d' Algarve, Comparé aux autres États de l' Europe, et suivi d' un coup d' oeil sur l' état actuel des Sciences, des Lettres et des Beaux-Arts parmi les Portugais des deux hémisphères*, tome 2.º, Paris, Rey et Gravier, 1822, p. CCIV.

⁵² Sousa Viterbo, *Subsidios para a Historia da Musica em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932, p. 361.

Joaquim Milcent

Após a morte do seu pai, em 11 de Novembro de 1797⁵³, Joaquim Inácio Milcent⁵⁴ assumiu a direcção da “Real Fabrica e Impressão de Musica” em 1798, parecendo assim ter dado alguma continuidade à actividade editorial, de que se conhecem várias obras datáveis deste período entre os dois séculos.

A última referência conhecida data de Março de 1806, quando pede uma pública forma do alvará que lhe fora concedido em 1798 a fim de isentar de direitos alfandegários uma carga de papel vinda de Amesterdão e indispensável à sua laboração. É possível⁵⁵ que a animosidade contra os Franceses, bastante aguda depois da saída de Junot em 1808, o tenha obrigado a abandonar o país que era, afinal, o seu. Mas deve-se também considerar o tremendo efeito da ida da Corte para o Rio de Janeiro no plano económico e em toda a vida de sociedade e cultura, além de certa abertura à concorrência. Se o seu pai tinha sido atraído pela concessão pom-balina, em 1761, de privilégios exclusivos de fabricação por períodos de dez anos renováveis, em breve, a 28 de Abril de 1809, era estabelecido um período único de catorze anos, findo o qual os inventores se obrigavam a passar os seus inventos para o domínio público⁵⁶.

Manuel Luiz Rodrigues Viana

Várias outras pequenas lojas lisboetas se especializaram então na venda de música. Uma delas fazia em Abril de 1797 o seguinte reclamo: “João Baptista Waltmann faz saber a todos os professores e curiosos de musica que acaba de receber as obras novas dos authores seguintes: huma missa nova completa a quatro vozes do celebre Jacomo Tritto, de Napoles; arias novas, serias e jocosas, de Paisello, Cimarosa, Sarti, Guiglielmi, Bianchi, Marinelli, Palma, Nicolini, Andreozzi, Marcos Antonio, Portuguez, compositor em Napoles”⁵⁷.

O mais interessante é que esta casa do músico alemão, membro da orquestra do teatro da Rua dos Condes, parece ter tido também actividade editorial (Haydn e Pleyel, por exemplo⁵⁸ e em 1802 o “Novo Jornal de Arias Italianas”)⁵⁹. E assim veio a explorar igualmente o filão da extraordinária popularidade das Modinhas, dando para isso emprego ao gravador Manuel Luiz Rodrigues Viana (1770- ?) – oriundo do magistério de João de Figueiredo na Aula do Arsenal e um dos artistas que se empregaram na Casa Literária do Arco do Cego⁶⁰. Com efeito, foi lançado no 1.º de Janeiro de 1801 o “Jornal de Modinhas Novas Dedicadas às Senhoras. Lx.^a”, em casa de J. B. Waltmann, na rua direita de S. Paulo defronte da fábrica de Vidros ao pé do Arco do Marquês”. Menos informação possuímos sobre outra publicação congénere, saída em concorrência no mesmo momento, o “Divertimento muzical ou Collecção de modinhas”, de que terá sido editor Luiz José de Carvalho⁶¹, o qual tinha loja de livreiro aos Paulistas⁶².

⁵³ M. J. D. Albuquerque, *Ob. cit.*, p. X.

⁵⁴ Pela qualidade da sua formação e singularidade do seu percuso este artista merece uma abordagem própria que não cabe aqui fazer, limitando-nos pois aos aspectos relacionados com a edição musical.

⁵⁵ M. J. D. Albuquerque, *Ob. cit.*, p. XII.

⁵⁶ José Accurcio das Neves, *Variedades sobre objectos relativos às Artes, Commercio e Manufacturas. consideradas segundo os principios da Economia Politica*, vol. I, Lisboa, Impressão Régia, 1814, pp. 22-23.

⁵⁷ *Correio Mercantil e Economico de Portugal, que contém toda a qualidade d' annuncios*, Lisboa, 11 de Abril de 1797 e *Gazeta de Lisboa*, Lisboa, 18 de Abril de 1797.

⁵⁸ *Flores de Música da Biblioteca da Ajuda...*, p. 23.

⁵⁹ Humberto d' Ávila, *Ob. cit.*, p. 8.

⁶⁰ Sobre este gravador vd. Agostinho Araújo, “O Infante D. Henrique visto pela época romântica”, *O Rosto do Infante*. Exposição. Catálogo. Convento de Cristo – Tomar / Pavilhão das Indústrias – Viseu, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994, p. 55; e Ana Paula Tudela, “Gravadores”, *A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801) - Bicentenário: “sem livros não há instrução”*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda / Biblioteca Nacional, 1999, pp. 263 e 266.

⁶¹ M. J. D. Albuquerque, *Ob. cit.*, p. X.

⁶² Ernesto Soares, *Inventário da Colecção de Registos...*, p. 477.

José Acuña, Paulo Zanca e a edição até ao 1.º terço do séc. XIX

Nos começos do séc. XIX estabeleceu-se em Lisboa o compositor e professor de piano José Francisco Acuña. Apesar do nível medíocre⁶³ das suas pequenas peças (hinos sobre acontecimentos históricos, sonatas, variações, valsas), este músico espanhol gozou de larga clientela durante cerca de duas décadas, tendo falecido em Abril de 1828. Muita da difusão das suas criações era ainda feita sob forma manuscrita mas entre alguns trabalhos impressos importa destacar um que revela a continuidade da exploração de um género firmemente credor das simpatias do público: “A Lira Portuguesa. Collecção de Modinhas novas com acompanhamento de piano forte. Compostas e dedicadas ás senhoras por (...)”. Esta edição, para a qual Acuña mandara abrir doze chapas em 1817, estava à venda na loja n.º 176 da Rua Áurea, custando cada fascículo 240 réis⁶⁴.

Em 30 de Janeiro de 1823 D. João VI concedeu a Paulo Zanca, com loja aberta na Travessa de Santa Justa, o privilégio exclusivo, por nove anos, de estabelecer uma “calcografia de musica”. A concessão acabaria por ser revogada, dando razão ao embargo interposto por Acuña, que provou a falsa novidade do processo e da sua prática em Portugal. Mas convém reparar nas condições impostas no parecer em que a Junta do Comércio havia dado a sua anuência, onde vemos o proprietário italiano ser obrigado a ensinar a “nova” arte a aprendizes portugueses, assim como nacionais deveriam também ser as chapas, o papel e as ferramentas da sua oficina⁶⁵.

Zanca editou várias publicações, entre as quais o “Periodico mensal”, iniciado em 1824.

Três anos depois, o reclame de uma vinda ao Porto informa-nos da sua actividade comercial: “He chegado a esta Cidade *Paulo Zanca* proprietario d'hum Armazem de Musica, Pianos, e outros instrumentos, estabelecido ha annos em Lisboa, e com os maiores creditos. Elle traz hum sortimento de Musica da melhor escolha, grande quantidade de Cordas para Viola, Rebeca etc. Tem tambem excellentes Flautas e Flautins, e dous grandes Fortes Piannos, hum Vertical, outro Orizental, e hum Pianno Forte, tudo da primeira qualidade. O mencionado Negociante tambem se incumbe de qualquer encomenda de Musica, ou Instrumentos. Quem pois precisar de qualquer dos objectos indicados, póde dirigir-se á casa da Hospedaria na Rua nova de S. Antonio N.º 90, ou fallar na casa dos Leilões, estabelecida na mesma Rua N.º 29 E, e 29 F, que tambem ahi obterá as necessarias instrucções”⁶⁶.

O prestígio e o exemplo das edições de Maréchal parecem, de facto, ter exercido alguma influência sobre certos compositores das décadas imediatas. Trata-se de um movimento de pequena iniciativa individual, frequentemente com publicações periódicas, em que a arte de gravar se reveste, em geral, de um cariz incipiente, dada a escassez de meios económicos que impede outra qualidade da edição e a imperiosidade de aproveitamento da procura existente no mercado.

José do Espírito Santo e Oliveira, organista da Patriarcal e depois “Compositor e Primeiro Organista de S. Mag.^{de} no Palacio de Queluz”⁶⁷, apresentou em 1808 um “Almanach de muzica vocal, e instrumental offerecido aos amantes de muzica o qual sahirá alternativamente todos os mezes, composto por (...)” e que se encontrava à venda “em casa do autor na Calçada nova de S. Francisco, n.º 6, 1.º andar; e na Calçada do Marquez de Tancos, n.º 1, 3.º andar”⁶⁸.

Também em Lisboa, conhece-se, de 1822, uma “Cavatina offerecida á muito illustre e Filantropica Sociedade Promotora da Industria Nacional, por V. P. da Gama, como primeiro resultado das suas tentativas sobre a gravura e impressão de musica”⁶⁹. Bem significativa parece

⁶³ Segundo E. Vieira, *Ob. cit.*, vol. I, p. 2.

⁶⁴ João Jardim de Vilhena, *Art. cit.*, pp. 206-207.

⁶⁵ J. J. Vilhena, *Art. cit.*, pp. 205-207.

⁶⁶ *Borboleta Constitucional*, n.º 22, Porto, 15 de Fevereiro de 1827.

⁶⁷ Humberto d' Ávila, *Ob. cit.*, p. 15.

⁶⁸ J. J. Vilhena, *Art. cit.*, p. 206.

⁶⁹ Idem, *Ibidem*.

do crescimento do mercado esta incursão de Vicente Pires da Gama, um dos “lavrantes” que Sequeira convocara para a vasta equipa de execução da sua notabilíssima baixela⁷⁰.

Pelo contrário, e embora tivessem por essa mesma data grande êxito no País⁷¹, parecem não ter sido publicadas as Modinhas dos compositores portuenses António Joaquim Nunes e Alexandre José Pires⁷².

Na cidade do Porto podemos referir o nome do músico-gravador José Francisco Edolo⁷³.

Em 1811 o gravador Carvalho, na “officina da Rua das Parreiras, junto ao Convento de Jesus, N. 19”, foi o ilustrador de uma obra do compositor António José do Rego, uma das muitas produções exaltadoras dos acontecimentos históricos do momento: “Batalha do Bussaco. Peça Militar, e Historica para Forte-Piano Dedicada ao Vallor, e Gloria do Exercito Anglo-Luzo, e do seu Chefe o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Lord Visconde Wellington. Conde do Vimeiro, Cavalleiro da Ordem do Banho, Gram Cruz da Ordem da Torre, e Espada”⁷⁴. Uma carta do músico esclarece-nos o teor do seu trabalho, bem como o próprio estatuto de editor em que se sacrificou: “(...) no anno de 1810, quando os Franceses vieram às linhas que Lord Visconde Wellington General em chefe do Exército Anglo-Luzo deu a Batalha do Bussaco, em 27 de Setembro do dito anno, o suppli.^e não poupou fadigas nem despesas, e fez a dita batalha pelo detalhe do officio do dito general e depois de a ter composto em Múzica a fez imprimir á sua custa e a offereceu ao dito General e á Regência do Reino, de cuja offerta nem o mais pequeno agradecim.^{to} teve, q.^{do} outros por mais pequenas couzas logo tem habito de Cristo e outros despachos mais”⁷⁵.

Tudo indica que esta oficina ocupava as instalações que até Setembro de 1793, data da separação dos dois franceses, haviam sido as da sociedade Maréchal & Milcent e onde este último continuou a laborar até Julho de 1795⁷⁶. E a assinatura “Carv.^o” foi a que sempre usou o muito modesto burilista Teotónio José de Carvalho, que, como tantos outros, terá sobrevivido recorrendo à farta (e muitas vezes pouco exigente) procura dos registos de santos⁷⁷.

Também encontramos trabalhos executados para o Governo. Na esfera militar, ao tempo em que foi Secretário de Estado D. Miguel Pereira Forjaz e para um “Regulamento do Marechal Beresford”, colaborou Gregório Francisco de Assis e Queiroz⁷⁸, sendo seguro, clado um officio daquele governante ao Conde de Sampaio do ano de 1816, que ficou encarregado de abrir as estampas da música dos toques das cornetas e dos clarins o também destacado artista António José Quinto⁷⁹.

⁷⁰ [Luís de Bivar Guerra], *Baixela Victória - Arquivo do Tribunal de Contas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969 (“Documentos para a História da Arte em Portugal”, vol. I), p. 6; e Leonor d’ Orey, “A Baixela desenhada por Domingos António de Sequeira”, *Actas do I Colóquio Português de Ourivesaria*, Porto, Círculo Dr. José de Figueiredo, 1999, p. 43.

⁷¹ Adrien Balbi, *Ob. cit.*, t. II, pp. CCVIII e CCXIII.

⁷² Joaquim de Vasconcelos, *Ob. cit.*, vol. II, pp. 10-11 e 42-43.

⁷³ A. de Magalhães Basto, “Falam Velhos Manuscritos”, *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 13 de Março de 1953.

⁷⁴ H. C. F. Lima, “A Secção Musical do Arquivo Histórico Militar”, *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, vol. XIII, Vila Nova de Famalicão, 1943, p. 214.

⁷⁵ Humberto d’ Ávila, *Ob. cit.*, pp. 15-16 e 17.

⁷⁶ M. J. D. Albuquerque, *Ob. cit.*, p. XV.

⁷⁷ Ernesto Soares, *História da Gravura Artística em Portugal. Os Artistas e as suas Obras*, nova edição, vol. I, Lisboa, Livraria Samcarlos, 1971, pp. 164-167; Idem, *Inventário da Coleção de Registos...*, p. 468; e Idem, *Inventário da Coleção de Estampas. Série Preta*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1975, p. 158.

⁷⁸ Sobre esta figura, cujo estudo é fundamental para compreender o estado da arte da gravura nesta época, vd. Ernesto Soares, “Subsídios para a história da Gravura Artística em Portugal. Dados biográficos do gravador Gregório Francisco de Assis e Queiroz”, *Arqueologia e História*, vol. VI, Lisboa, 1928, pp. 34-60 e Idem, *História da Gravura Artística...*, vol. II, pp. 439-490.

⁷⁹ H. C. F. Lima, “A Secção Musical do Arquivo Histórico Militar”, *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, vol. XIII, Vila Nova de Famalicão, 1943, pp. 207 e 213. Cremos tratar-se dos toques que constam do “Systema de instrução e disciplina para os movimentos e deveres dos Caçadores”, do Marechal G. C. Beresford, Lisboa, Impressão Regia, 1811 - cf. *Flores de Música da Biblioteca da Ajuda...*, p. 56.

Ou para as grandes instituições culturais, em geral por razões didáticas que já vimos também serem exploradas por alguns mestres particulares. Data de 1806, feito em Coimbra, na Real Imprensa da Universidade, o curso do Professor José Maurício, “Methodo de Musica, escripto e offerecido a Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor. Destinado para as lições da aula da dita cadeira”, com cinco estampas gravadas em cobre⁸⁰. E de 1820-24 são, executados na Typographia da Academia das Sciencias e com quinze estampas em cobre, os dois volumes dos “Principios de Musica ou Exposição methodica das doutrinas da sua composição e execução”, de Rodrigo Ferreira da Costa⁸¹, obra cuja rara actualização teórica foi já sublinhada⁸².

Conclusão

A voga das modinhas esteve no centro de uma interessante activação do movimento editorial dedicado à arte da música, como, há muito, foi pressentido: “(...) forma vocal predilecta do nosso século XVIII (...), é uma canção estrófica, de estilo ornamental e muito singularmente acompanhada pela viola ou pelo cravo. Obrigatória em todas as reuniões e festas da sociedade das classes média e alta, onde a sua expressão facilmente sentimental ia ao encontro do gosto da época, popularizou-a o teatro, e de tal modo fazia parte da vida portuguesa do tempo que a edição de modinhas e «jornais de modinhas» se tornou um importante ramo do comércio musical”⁸³.

Apêndice

1789, Julho, 13. Lisboa. Consulta

Consulta

Senhora

Representa a V.^a Magestade Francisco Domingos Milcent natural do Reino de França, que havendo estabellescido nesta Cidade huma Fâbrica de abrir chapas, e impremir solfas, cartas maritimas, e geograficas, e todas as mais qualidades de Estampas, debaixo da Aprovação, e Licença, que obteve da extinta Junta das Fâbricas do Reino, se lhe fazem indispensavelmente necessarias para o consummo, e Laboração da mesma Fâbrica alguns generos dos Paizes Estrangeiros; e por que os seus pequenos fundos não podem sofrer o desembolço dos competentes Direitos, que pagão os ditos generos, e as solfas que vem de fóra do Reino gozão da izenção dos mesmos Direitos por Entrada; pedia por tanto a V.^a Magestade, que houvesse por bem de lhe conceder a referida graça em atenção ao que alega, e a exemplo do que V.^a Magestade tem mandado observar com outras diversas Fâbricas do Reino, que gozão de semelhante Izenção para todos os Materiaes, que são necessarios ao seu fornecimento.

Os Generos de que o Recorrente carece para consummo da sua Fâbrica, são os seguintes – Estampas de Figuras; Collecçoens de Mâpas Geograficos; Cartas Maritimas; Estanho em barra, e chapas do mesmo metal; chapas de cobre já preparadas para abrir os Mapas, Cartas,

⁸⁰ J. Vasconcelos, *Ob. cit.*, vol. II, p. 265.

⁸¹ Idem, *Ibidem*, p. 251 e *Flores de Música da Biblioteca da Ajuda...*, p. 56.

⁸² Fernando Lopes-Graça, *A Música Portuguesa e os seus Problemas - I*, 2.^a ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1989, pp. 77-78.

⁸³ Luís de Freitas Branco, *A Música em Portugal*, Lisboa, Escola Tipográfica da Imprensa Nacional de Lisboa, 1929, (colec. “Exposição Portuguesa em Sevilha”), p. 19.

Tábua das ilustrações: Figs. 1 - Gravura (reprod. de Francisco Xavier Baptista, *12 Sonatas para Cravo...*, p. XVIII); 2 e 3 - Gravuras (reprod. de *Jornal de Modinhas. Ano I...*, pp. 34 e 41); 4 - Gravura (reprod. de Maria Laura Bettencourt Pires, *William Beckford e Portugal. Uma visão diferente do Homem e do Escritor*, Lisboa, Edições 70, 1987, entre pp. 208-209).

Estampas, e Papel de todas as qualidades; Óleo de Nozes, de Linhaça, preto de Italia, de Alemanha, e de Marfim; Vermilhão, Senopla, Verdete, e Jardolino.

Reconhecendo a Real Junta, que este Estabelecimento he de utilidade pública, e que o Recorrente se faz digno da Real consideração de V.^a Magestade por ser o primeiro, e unico que se tem proposto a fazer semelhantes manufacturas.

Parece ao mesmo Tribunal que Vossa Magestade seja servida de conceder á Fâbrica do Recorrente a Graça de izenção de Direitos por Entrada para todos os generos assim declarados, e sendo qualificados primeiramente por este Tribunal, não só os mencionados generos, mas as porçoens, e quantidades, que annualmente lhe serão necessarias, combinando-se o seu consummo com a sua Laboração para se evitar qualquer descaminho, que pôssa haver em contra-venção das Reaes Ordens de V.^a Magestade assim, e da mesma forma, que se ácha estabellescido para as mais Fâbricas do Reino.

V.^a Magestade comtudo mandará o q. for servido.

Real Junta do Commercio a 13 de Julbo de 1789.

IAN/TT, Lisboa, Junta do Comércio, Livro 126 (23), fls. 95v.-96v.